

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Joana D'Arc de Sousa Cardoso

<http://lattes.cnpq.br/6831860216921483>

<https://orcid.org/0000-0001-9319-645X>

E-mail: sousacardosoj@yahoo.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N3-33>

RESUMO: O artigo trata de um tema muito discutido no meio escolar, sendo de grande interesse dos profissionais de educação pois se refere a afetividade e sua importância no processo de aprendizagem. Como objetivo geral, avaliar a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. Os objetivos específicos: Conhecer a definição de afetividade na concepção dos teóricos; entender como a afetividade entre professor e aluno contribui no processo ensino aprendizagem; verificar as dificuldades enfrentadas pelos professores na falta de afetividade por parte do aluno. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica cujos autores Almeida e Mahoney (2009), Antunes (2006), Cunha (2007), Vygotsky (2000) e outros contribuíram para sua elaboração. Como resultados, constatou-se que a afetividade contribui de forma significativa para a aprendizagem do aluno e estes demonstram visivelmente através de bilhetes, presentes, abraços e outros mimos, sua afetividade para com a professora, que procura retribuir dando-lhes carinho, atenção, ouvindo suas conversas, coisas que em casa geralmente as crianças não conseguem. O ato de ensinar não pode se resumir apenas em passar conteúdos para os alunos, precisa ajudar o a tomar consciência de si mesmo, dos outros, da sociedade em que vive e o seu papel dentro dela. Sobre as práticas pedagógicas foi visto que os professores devem utilizar metodologias condizentes com a realidade do aluno, procurando valorizar seus conhecimentos prévios, a fim de facilitar seu desempenho no processo de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Ensino Aprendizagem. Práticas Pedagógicas.

AFFECTIVITY IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

ABSTRACT: The article deals with a subject much discussed in school, being of great interest to professionals of education because it refers to affectivity and their importance in the learning process. As a general objective, to evaluate the importance of affection in teaching learning process. Specific objectives: Meet the definition of affectivity in the theoretical design; understand how the affection between teacher and student in teaching learning contributes; check the difficulties faced by teachers on lack of affection on the part of the student. To this end, bibliographical research whose authors Daniel Mahoney (2009), Antunes (2006), wedge (2007), Vygotsky (2000) and others contributed to its elaboration. As a result, it was found that the affectivity contributes significantly to student learning and these demonstrate visibly through tickets, gifts, hugs and other treats, their affection towards the teacher, which seeks to return giving them affection, attention, listening to their conversations, things at home generally children can't. The Act of teaching cannot be summed up in just pass content to students, need help to be aware of yourself, of others, of the society in which he lives and their role within it. About pedagogical practices, it has been seen that teachers

should use methodologies consistent with the reality of the student, looking to value your previous knowledge to facilitate its performance in the teaching process.

KEYWORDS: Affection. Learning Education. Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

A afetividade é um tema que vem sendo muito debatido, tanto nos meios educacionais quanto fora dele. Sabe-se que ela implica diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, a socialização, as interações humanas e, sobretudo, na aprendizagem.

A palavra afeto se origina do latim *affectus*, é o elemento da afetividade que se apresenta através das manifestações de sentimentos que se desenvolvem nas interações de um com o outro. Assim, o afeto é uma ferramenta importante para auxiliar os professores no desenvolvimento dos seus alunos no ambiente escolar, ajudando a melhorar o comportamento deles deixando-os mais serenos, motivados e ao mesmo tempo, mais participativos. É nesse momento que a afetividade age como estimulante para desenvolver os conhecimentos cognitivos do aluno.

Os especialistas afirmam que a criança precisa de afetividade para sentir-se estimulada a estudar, cabendo as professoras mostrarem afeto durante a relação de ensino, devendo elas estarem preparadas para dar carinho e atenção as crianças. Não basta ter domínio sobre o conteúdo, mas também ter afetividade para com os alunos.

A criança é hoje reconhecida como uma pessoa constituída de natureza singular, que sente e pensa o mundo de um jeito muito próprio; logo um ser de direitos. Assim, precisa estar interagindo com adultos e outras crianças e ser estimulada a desenvolver-se integralmente.

Nessa realidade, destaca-se a questão problema: de que forma a afetividade pode interferir no processo de ensino aprendizagem da criança? Como objetivo geral, avaliar a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. Os objetivos específicos: Conhecer a definição de afetividade na concepção dos teóricos; entender como a afetividade entre professor e aluno contribui no processo ensino aprendizagem; verificar as dificuldades enfrentadas pelos professores na falta de afetividade por parte do aluno.

Para sua realização foi feita uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa contando com a leitura dos teóricos: Almeida e Mahoney (2009), Antunes (2006), Cunha (2007), Vygotsky (2000) e outros contribuíram para sua elaboração. Diante disso, o estudo enfatiza a definição de afetividade e sua importância na aprendizagem, a afetividade na relação professor x aluno, prática pedagógica e afetividade e proposta da pedagogia afetiva, aspectos considerados relevantes para o contexto do tema.

DEFINIÇÃO DE AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA APRENDIZAGEM

No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo.

A afetividade potencia o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e objetos. Graças à afetividade, as pessoas conseguem criar laços de amizade entre elas e até mesmo com animais irracionais, isto porque os animais também são capazes de demonstrar afetividade uns com os outros e com os seres humanos.

A afetividade pode ser definida em diferentes perspectivas, entre elas sob a perspectiva da filosofia, da psicologia e da pedagogia. Devendo ser ressaltado que ao abordar a afetividade temos que considerar as emoções, que são expressões da vida afetiva e que são acompanhadas de reações e sentimentos. Como conceito de afetividade pode citar o amor como referência, pois o amor é definido através dos sentimentos, e, assim, a afetividade torna-se a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar (Amorim; Navarro, 2012).

De acordo com Almeida e Mahoney (2009, p. 17), “a afetividade, assim como a inteligência é algo que não nasce pronta, ela tem um pleno desenvolvimento. Assim podemos ser construídos e relacionados como um envolvimento meio social de um período a outro”.

O professor precisa estabelecer boas relações afetivas com seus alunos, para que ele perceba o lado também afetivo dos alunos e nessa troca, a aprendizagem aconteça de forma natural e seja intermediária das expectativas esperados por ambos os lados em todo o seu desempenho.

Lopes (2003, p. 115) afirma que na profissão, o professor deve possuir características próprias, como ser uma pessoa escolhida, de exímia inteligência e integridade moral, dedicado exclusivamente ao ensino, pois o pressuposto da questão moral consiste no exemplo da vida.

Vygotsky (1998, p. 54) destaca a importância das interações sociais, ressaltando a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem e, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo na constituição do seu eu.

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO

Entende-se que o afetivo exerce forte influência no cognitivo, visto que, a criança ao sentir-se amada, respeitada pelo professor que demonstra tais atitudes, certamente sentirá mais prazer ao aprender. Cunha (2007) mostra a importância que o professor deve ter ao procurar conhecer seu aluno de forma particular, principalmente no que se refere ao seu aspecto cognitivo para que possa utilizar-se de recursos adequados, estimuladores, que possam facilitar a aprendizagem do aluno.

Para o mesmo autor, por outro lado, tem-se observado quando a relação entre professor e aluno se torna conflitante, ambos não se entendem, não há simpatia recíproca, essa relação atrapalha a aprendizagem do aluno criando certa insatisfação durante as aulas, o que prejudica seu rendimento escolar. Embora isso aconteça muito raramente na Educação Básica, mas cabe ao professor demonstrar carinho e afetividade para com o aluno a fim de estabelecer um elo de amizade entre os dois.

Silva (2001) enfatiza a importância do professor para que os alunos sintam-se mais seguros, criando, assim, um ambiente de aprendizado tranquilo, pois a afetividade

se faz presente no cotidiano da sala de aula, seja pela postura do professor, pela dinâmica de seu trabalho ou nas interações entre sujeitos.

Todas as ações são mediadas pela afetividade do professor e percebe pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança (Mello, 2011).

Dessa forma entendeu-se que através de pequenos gestos como sorrir e escutar leva o professor a demonstrar afetividade para com seu aluno onde o mesmo ao perceber sente-se amparado, seguro, e a partir disso começa a se interessar e desenvolver seu processo de ensino.

Almeida e Mahoney (2009), explicam que essa natureza antagônica da relação aluno-professor oferece riquíssimas possibilidades de crescimento e que o conflito faz parte da natureza, da vida das espécies, porque somente ele é capaz de romper estruturas prefixadas, limites predefinidos e atingir os planos sociais, morais, intelectuais e orgânicos.

Para os mesmos autores, um trabalho bem elaborado em tais circunstâncias auxilia o processo de constituição do sujeito, pois este, ao se colocar em confronto com o outro, aprende também a se organizar psiquicamente.

O papel do professor é de mediador do conhecimento. Queira ou não, ele é um modelo na sua forma de expressar valores, resolver conflitos, comunicar-se; na forma de ouvir, falar e de relacionar-se com os outros professores e com os alunos. E a forma como o professor se relaciona com o aluno se reflete nas relações do aluno com o conhecimento e na relação aluno-aluno.

Nessa relação há um antagonismo entre emoção e atividade intelectual que Wallon chama de antagonismo de bloqueio, ele também diz que quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor e que esses conflitos são essenciais ao desenvolvimento da personalidade (Wallon, 1998).

E complementando, Antunes (2006), diz que o professor é o único no mundo que tem argila com a qual se moldará o amanhã, e que é necessário refletir sobre as

ferramentas e crenças que balizam suas ações, verificando quais os objetivos que quer alcançar.

Dessa forma, entende-se que o professor tem todas as ferramentas para orientar o aluno que através de seus ensinamentos deve procurar observar quais as reais necessidades da criança para desenvolver ações que a façam tornar-se um cidadão de bem. O professor ao estar em contato direto como o aluno torna-se responsável pela sua formação de opinião, de senso crítico.

PRÁTICA PEDAGÓGICA E AFETIVIDADE

A relação que se pode estabelecer entre a prática pedagógica do professor e a afetividade em sala de aula, é trazer para o campo das atividades pedagógicas o interesse e o amor dos atores da escola. Um aluno que ama aprender aprende melhor; um professor que ama ensinar ensina melhor. Porém, não se pode iludir achando que basta amar para ser bom professor. Antes, se eu amo, eu estudo, eu pesquiso, eu trabalho e, desta forma, adquiro instrumentos mediadores essenciais ao exercício docente (Cunha, 2013).

A carga de amorosidade que está no professor faz ser um aprendiz do saber para exercer com equidade o seu ofício. A carga de amor que está no professor, o faz interessado e responsável para descobrir alternativas nos processos de ensino e aprendizagem. Igualmente, a carga afetiva do aluno o faz irromper a lugares ainda desconhecidos de aprendizagem e saber.

Se não se pode ser afetivo sem adquirir os predicados necessários ao exercício docente, tampouco se pode exercer a prática pedagógica sem os atributos do amor. O que torna o homem feliz é o que ele possui de qualitativo, que outorga valor inestimável a coisas frugais e cotidianas. E sua maior expressão é o amor. O prazer e a vida estão no interior do homem. Por isso, desejo mais justo não há: o de ser feliz (Cunha, 2013).

Colaborando com as palavras do autor, a profissão docente requer muita dedicação, amor, paciência, e se o professor não tiver estas qualidades, fica difícil conseguir realizar sua prática pedagógica com sucesso. O estudo, a pesquisa, a

investigação fazem parte da vida do professor que deve sempre procurar novos conhecimentos para poder transmitir aos alunos.

Nesse contexto, ao professor é necessário que faça não só com que o aluno apreenda e assimile o conteúdo, mas que além de tudo seja capaz de sentir o conteúdo relacionando-o às emoções. Recorrendo novamente aos escritos de Vygotsky (2001), nesse sentido, o autor afirma que o professor deve preocupar-se em relacionar o novo conhecimento com a emoção, caso contrário o saber torna-se morto.

Já Tassoni (2000) buscou evidenciar aspectos afetivos na interação em sala de aula, analisando a postura do professor e os seus conteúdos verbais e concluiu que os aspectos afetivos estão presentes na dinâmica da sala de aula e influenciam diretamente o processo ensino-aprendizagem. Para a autora a mediação da professora é fundamental para determinar a relação do aluno com o conteúdo ensinado. Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco deslocasse para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais.

Diante dessa realidade, se observa que normalmente o aluno faz do ambiente escolar uma extensão do seu lar, sendo assim ele busca na escola segurança e afeto. Dessa forma, toda a equipe pedagógica precisa estar preparada para lidar com isso. Para muitos pedagogos e professores não existe educação sem amor, são seguidores do pensamento de Paulo Freire.

Deve haver a disponibilidade para a alegria e para o afeto. É evidente que nessa forma de agir e pensar o aspecto da afetividade não significa a existência de uma espécie de pacto, cumplicidade entre professor e aluno no tocante ao favorecimento ilícito através da concessão de notas ou conceitos sem que o discente tenha atingido as metas as quais lhe são propostas (Cidade, 2009).

O ambiente escolar cujos professores buscam a cada dia se humanizarem mais precisa ser um ambiente alegre, onde todos se sintam bem. Ser alegre na escola implica dar um sentido à vida, mostrar os motivos que fazem valer a pena a realização dos estudos, buscar e encontrar motivos para fazer com que as pessoas se sintam especiais e insubstituíveis. É preciso interagir com os alunos também no campo da emoção, ensinar vibrando com entusiasmo e paixão pelo ser humano. Uma escola saudável e alegre é

aquela onde o professor dar valor a si, ao seu aluno, bem como a própria instituição (Cidade, 2009).

Colaborando com o supracitado autor, o aluno ao adentrar a escola precisa sentir que é acolhido com carinho, devendo sentir prazer em estar na sala de aula, onde espera ter atenção desejada, que seja tratado com gentileza, pois sentirá mais motivação para a aprendizagem quando percebe tudo isso. O ambiente escolar precisa ser o melhor possível e o professor é um dos principais colaboradores para que isto venha a acontecer.

PROPOSTA DA PEDAGOGIA AFETIVA

Segundo Rossini (2010, p. 15) as crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade. É preciso dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço. A falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência de vontade de crescer. Portanto, uma das metas máximas é: aprender deve estar ligado a ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso.

Colaborando com a autora, acredita-se que se a criança é incentivada para a aprendizagem com certeza terá mais ânimo para aprender, neste caso os professores devem ser criativos quanto as suas práticas pedagógicas sempre procurando inovar para chamar a atenção das crianças.

Rossini (2010) acrescenta que a afetividade é à base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação com ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade sexo ou cultura.

O desenvolvimento da afetividade pressupõe um trabalho baseado em três alicerces ou pontos básicos: limites, mitos do cotidiano e ritmos. Deve-se sempre lembrar que a criança é um ser social e, por isso, sujeita a interferências do meio em que vive. Portanto, deve-se sempre estar atentos às características e aos fatos da nossa sociedade, lembrando que, quando se recebe uma criança à porta da sala de aula, além

da mochila com o material, ela traz todas as impressões que vivenciou, assimilada ou não, bem elaborada ou não.

Hoje com os meios de comunicação de massa, nem as crianças são poupadas dos problemas comuns ao nosso tempo. Elas estão inseridas na sociedade como nunca. Acompanham tudo e têm suas próprias impressões sobre o mundo hoje (ROSSINI, 2010).

Na visão de Arantes (2010, p. 133):

O atual sistema educativo, principalmente no que se refere ao ensino obrigatório, está voltado à transmissão de uma série de conhecimentos, as matérias curriculares de que cada cidadã e cidadão supostamente necessitam para se desenvolver adequadamente na vida pública e para preparar-se para o mundo profissional no qual deverá ingressar no futuro.

Conhecimentos estes que se acredita ser fundamentais para a formação intelectual e cultural dos alunos para lhes proporcionar os instrumentos cognitivos que permitem o acesso ao pensamento científico e à cultura.

De acordo com a autora, os alunos aprendem tudo aquilo que se acredita prepará-los para a vida pública, mas não compete ao sistema educativo prepará-los para a vida privada; o objetivo é prepará-los para que também tenham uma boa formação emocional; desenvolvendo o seu pensamento para que possam entender o científico, mas não se tenta fazê-los compreender o cotidiano.

Prepara-se os estudantes para o público, o cognitivo e o científico, mantendo-os na ignorância quanto ao privado, ao emocional e ao cotidiano, isto é, eles são mantidos na ignorância em relação aos conhecimentos do universo feminino. Muitas vezes o sistema escolar falho por acrescentar inúmeros conteúdos no currículo escolar esquecendo-se de determinar um tempo para se trilhar outros conteúdos também importantes na vida dos alunos, conteúdos estes do cotidiano que eles não conseguem administrar havendo necessidade de alguém mais experiente que os ajude.

A pressa em transmitir conteúdos acaba por levar a um ensino meio técnico sem afetividade onde o professor não se dá conta dos sentimentos dos alunos, o que estão passando naquele momento. E isso comprovadamente atrapalha na sua aprendizagem. Nessa linha de pensamento, Antunes (2004, p. 60), afirma que:

Em toda educação o que mais marca é primeiro o amor, depois, o exemplo e, em terceiro lugar, o ensino. Seria, pois, essencial que o (a) ou educador(a) infantil tivesse “ilimitado amor a sua profissão e integral condição de transmiti-la através de seus atos, seus gestos e de suas intervenções”. Portanto, este educador deve gostar muito de crianças e se mostrar sensível ao afeto que desperta e às dores e angústias que a criança possa revelar.

Colaborando com o autor, acredita-se que para ser educador tem que ter dedicação à criança, gostar de crianças, pois se tem observado em alguns casos que professores trabalhando na Educação Infantil não dispensando tratamento afetivo que as crianças merecem. Infelizmente é a realidade de algumas escolas do nosso país e o nosso Estado pode ser incluso neste exemplo.

Retornando a Antunes (2004, p. 60) o autor elenca alguns predicados do educador infantil, todos eles permeados pelo amor ativo, dinâmico e desafiador. Para o autor, é necessário que “os professores da Educação Infantil sejam desafiadores, inquietos, responsáveis e, sobretudo, estudiosos para que se mantenham sempre ao lado dos avanços científicos da neurologia, Pedagogia, Psicologia e Psicopedagogia”. E que saibam transpor essas conquistas para sua ação junto às crianças, pois o amor incompetente, por ser contemplativo, inspira filmes românticos, jamais uma educação ousada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo, conclui-se que a afetividade é um dos principais elementos no processo de aprendizagem do aluno e que sem ela tudo se torna mais difícil. Às vezes a criança não tem afeto, atenção por parte da família, e quando chega à escola, precisa suprir esta carência para que se sinta motivada para aprender.

Verificou-se no estudo que a relação professor e aluno deve ser feita com base na afetividade, pois se não tiver afeto, a criança sentirá dificuldades para assimilar os conteúdos, será desmotivada no seu processo de ensino. Muitas vezes por não simpatizar com o professor, o aluno acaba transferindo para o estudo chegando a ser prejudicado na aprendizagem.

Foi visto que nas práticas pedagógicas, as mesmas devem ser voltadas para realidade do aluno, levando em consideração o seu cotidiano aliado ao conteúdo da

disciplina e que seu conhecimento prévio deve ser valorizado, cabendo ao professor selecionar práticas que incentive o aluno para o estudo, procurando entender a melhor forma de assimilação a fim de que haja sucesso na aprendizagem.

O professor deve transmitir afeto aos seus alunos, como também deve haver afetividade por parte dos alunos para com o professor, pois só assim, esta relação será constituída de amizade, confiança e respeito. Não devendo o professor agir com autoritarismo para conseguir afetividade, como também não relaxar deixando que os alunos sigam por um caminho sem limites, sem obediência a regras que são necessárias para uma boa aprendizagem.

De modo geral, a evolução da afetividade vai do que Piaget denomina de sentimentos instintivos, correspondentes às montagens hereditárias (reflexos), aos sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias), e, posteriormente, aos sentimentos seminormativos (correspondentes às construções representacionais), para chegar aos sentimentos normativos, pertencentes a uma escala de valores e a um sistema mais amplo, correspondente ao sistema operatório, no que se refere à inteligência (Souza, 2003).

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Chico; GENTILI, Pablo. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2001]
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, A. Alvarenga (Orgs.) **Afetividade e Aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- AMORIM, Márcia Camila Souza de. NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na Educação Infantil. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.º 7 p. 1 - 7 On-line Disponível em: <http://revista.univar.edu.br/>. Acessado em: 18 de set. 2015.
- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.
- ANTUNES, Celso. **Educação Infantil**: prioridade imprescindível. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na escola**. São Paulo: Summus, 2003.
- CIDADE. Sylvio César Pereira. A Afetividade na Prática Pedagógica. **Revista de Psicologia**. Ano 3. n.º 7. Fevereiro de 2009. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/129/129>. Acesso em: 18 de set.2015.

CUNHA, Eugênio. **Afetividade na prática pedagógica**. (2013) Disponível em: http://www.projetospedagogicosdinamicos.com/afetividade_na_pratica_pedagogica.html. Acesso em: 17 de set. 2015.

CUNHA, Eugênio. **Afetividade na prática pedagógica: educação, TV e escola**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2007.

LOPES, Edson Pereira. **O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

MELLO, Tágides. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 4 – nº 1 – 2013. Disponível em: <http://www.facsaooroque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>. Acessado em: 18 de set. 2015.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA, M.L.F.S. **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno**. Campinas, Unicamp: FE, 2001.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. ARANTES, Valéria Amorim (orgs.) São Paulo: Summus, 2003.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula**. 233 f. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes -6. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Submissão: fevereiro de 2026. Aceite: março de 2026. Publicação: julho de 2026.